

DO SABER TRADICIONAL DOS ARTISTAS DE PARINTINS AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SUAS IMPLICAÇÕES NA ESFERA DO TRABALHO

Suhellen Martins da Silva¹ Aldenéia Soares da Cunha²

Universidade do Estado do Amazonas, suhellenmartins2009@gmail.com, aldeneia_soares@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo assume o propósito de apresentar uma abordagem tendo por base metodológica o levantamento de dados alcançados durante o período de preparação para o quinquagésimo Festival Folclórico de Parintins, buscando perceber como se deu e como vem se desenvolvendo a cognição acerca do fazer artístico, provocando assim uma prática laboral e sua relação com a cientificidade e com a educação formal. Dentre os resultados constatados aparece a ausência da figura feminina na função de artista de ponta, isto é, os que se destacam e recebem um contrato superior aos demais componentes das agremiações. Em ambos os bumbás nota-se claramente a mulher apenas como uma mera coadjuvante dos supervalorizados artistas de ponta. O trabalho dá ênfase ao *savoir-faire*, manifestando assim a cognição, a arte, o trabalho e a ciência, componentes que sintetizam do saber tradicional ao nível de artista de ponta.

Palavras-chave: Saber tradicional – Cognição - Arte- Trabalho

INTRODUÇÃO

Este texto discute o trabalho dos artistas de ponta inseridos no contexto do festival folclórico de Parintins com o intuito de investigar o significado da educação formal na sua formação artística. O nosso propósito consistiu em perceber que influências esses artistas tiveram em sua formação artística, dando destaque à educação formal envolvendo os estudantes no período escolar.

O Município de Parintins está localizado à margem direita do rio Amazonas, na Ilha de Tupinambarana. Para se chegar a Parintins deve-se recorrer aos serviços de embarcação ou por via aérea. É o segundo município mais populoso do Amazonas, sendo que a maior concentração dos parintinenses é na área urbana. A agropecuária é uma das principais atividades econômicas, ocupando o primeiro lugar na criação de rebanhos, somada à extração do pau-rosa (donde se extrai

¹ Especialista em Psicopedagoga e Gestão Escolar, Mestranda do Curso de Mestrado em Educação e Ciência na Amazônia na Universidade Estado do Amazonas – UEA, Brasil. suhellenmartins2009@gmail.com;

² Doutora em Ciência pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, na Universidade de São Paulo - USP. Professora colaboradora do Programa de Mestrado em Ciência na Amazônia Universidade Estado do Amazonas – UEA. Assessora Secretária de Educação de Qualidade e Ensino – SEDUC/AM. aldeneia_soares@yahoo.com.br

óleo para perfumes), assim como a copaíba, a andiroba e a castanha-do-pará (VALENTIM, 2005). É conhecido pelo espetáculo que apresenta anualmente, representada pelos bois bumbás Garantido e Caprichoso³. É uma cidade que vive em torno dos bumbás, prevalecendo nas fachadas das casas às cores que representam as cores dos bumbás, que geograficamente dividem a cidade. As casas são modestas, mas, bem conservadas.

A metodologia seguiu as orientações das abordagens qualitativas sob a técnica de entrevista semiestruturada com uma amostra de seis artistas de ponta, sendo três do boi Garantido e três do boi Caprichoso.

O folclore dos bois bumbás Garantido e Caprichoso é traço marcante na formação dos jovens parintinenses, o município respira essa cultura. Se tratando da ação educativa, presa nos moldes tradicionais de ensino, ainda não tem sido capaz de introduzir em seus componentes curriculares o conteúdo apreendido nesse contexto cultural. Sendo detectado durante a pesquisa é que ocorre uma aprendizagem independente dos padrões escolares. Os artistas acabam por fim encontrando outras maneiras de resolver cálculos necessários na produção das alegorias.

Do saber tradicional ao estágio de artista de ponta, afinal quem influenciou?

De uma simples brincadeira de rua ocasionou para este município um espetáculo que passou a ser referência cultural de uma ilha que tinha tudo para estar esquecida no meio do Rio Amazonas, mas que com a criatividade peculiar de sua gente recebe os holofotes das autoridades públicas e privadas do país. Um dos sujeitos desta pesquisa quando perguntado sobre quem influenciou a sua arte responde nos seguintes termos:

Primeiro você olha esse lado como as experiências das pessoas que alguém tem que você gostaria de ter, essa busca que o ser humano. Então, eu olhava muito o festival folclórico de Parintins na década de 60/70 e começava a observar, em 80 já a brincar e via que havia uma pujança de possibilidade e via o grande Mestre Jair tirar de papelão e trabalhar em obra de arte aquilo me encantava, como pegar uma caixa de geladeira e transformar num coração, numa águia, numa cobra e fazer mexer aquilo me encantava. Eu estudava contabilidade e me impressionava, essa conta de possibilidade, dessa matemática, desse ajuste de teorias e depois me impressionava com o sujeito, pela sua dinâmica, sua artística ilusória. Ele é meio um alquimista, um mago a frente do seu tempo e depois veio com forte influência também, depois do Jair Mendes, o Irmão Miguel, que me ensinou as matizes das cores, com 14/16 anos de idade, trouxe essas matizes da Itália que até hoje, elas se impregnam na arte de Parintins e deu um salto que nós temos hoje, dessa qualidade

³ Foram definidas as cores vermelha para o boi bumbá Garantido e azul para o boi bumbá Caprichoso.

e de referência cultural no nosso Estado. Daí veio Joãozinho Trinta, que eu considero um tripé cultural, que influenciou o meu DNA de arte, de mente, de pensar, em 1989, quando fui pro Rio de Janeiro, passei 19 dias no barracão da Beija-flor e lá fui apresentado pra todas as equipes que trabalham no lado cenotécnico de criação, de adereço, de robô, enfim tudo o que era para a construção da estrutura de uma escola de samba do porte, do quilate da Beija-flor. E essa engenharia toda, essa arquitetura me influenciou diretamente em função de um aprendizado. Então, esses três pensadores, que influenciaram a arte no Brasil, no mundo, entraram automaticamente no meu DNA. Essa arte eu consigo implementá-la, evolui-la para o nosso festival na década de 90. Todo esse aprendizado é o reflexo desse investimento que nós buscamos de forma sedenta para nós evoluirmos e adaptarmos à festa no festival de Parintins (Juarez Lima, 49 anos, entrevista/2015).

A resposta de Juarez Lima, referência na arte, que vem desenvolvendo há 35 anos seu ofício no boi bumbá Caprichoso serve para localizar os grandes ícones que construíram a história do festival parintinense que, com sutileza, reconhecimento e humildade incorporou para si o ofício de artista “[...] nosso cérebro recebe positivamente informações vindas já prontas de fora. Num dos modelos teóricos mais conhecidos, o conhecimento é apresentado como resultado do processamento (computação) de tais informações”, (MATURANA E VARELA, 2001, p. 7-8). Trata-se de um conhecimento que está sendo aprimorado a cada ano. Neste debate Arendt (1999, p. 109) identifica que,

Ao contrário do processo de trabalhar, que termina quando o objeto está acabado, pronto para ser acrescentado ao mundo comum das coisas, o processo do labor move-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo, e o fim das ‘fadigas e penas’ só advém com a morte desse organismo.

É o que percebemos no âmbito da festa folclórica, pois mesmo reutilizando algumas bases das estruturas das alegorias apresentadas nos anos anteriores, o aprimoramento é constante, “o trabalho artesanal desenvolve e fortalece o caráter do trabalhador, oferece a ele a chance e o prazer de criar, valoriza sua produção” (TORRES, 2010, p. 64). Nesta perspectiva Karu Carvalho posiciona afirmando que,

[...] Aprendi muito com Joãozinho Trinta, trouxe também com Juarez e Joãozinho Trinta aqui pra Parintins. Essa nossa maneira de trabalhar, de agir, hoje nós copiamos de Joãozinho Trinta, um dia ele falou pra nós, ele sentava numa mesa, fazia escala e passava o desenho. E aqui o artista tem que tá trabalhando, subindo. Eu trouxe essa ideia pra Parintins e graças a Deus, os bois, os artistas hoje tão copiando, tu faz teu desenho, tua parte e tem uma equipe pra trabalhar pra ti, a tua atenção sai na hora que tu tá trabalhando, então se tu ficar reparando todo tempo o teu trabalho, tu consegue chegar perto, se não foge da meta, às vezes você

não termina. Então eu sempre falo pros artistas de Parintins, isso foi uma cópia boa do Rio de Janeiro. Então fico bom aprender no Rio, pessoa que fazia capacete e tribo, quando eu voltei, voltei como alegorista já, fui em noventa e quatro, voltei pra Parintins já pra fazer alegoria, mas eu não sei ao empírico mesmo e agora chegou a faculdade em Parintins, fiz o vestibular, passei e graças a Deus, eu tô adequando a minha vida artística com a faculdade, foi muito bom, hoje tem o conhecimento teórico, eu já tinha a prática, hoje eu tenho o teórico. Então encaixar os dois, isso tá facilitando muito [...] Eu aprendi muita coisa com os artistas trabalhavam muito, uns gostavam da simetria, outros não assimétricos, cara isso sempre tinha na minha cabeça, mas não sabia usar a palavra, entendeu? Caraca será que os índios, eles trabalhavam com simetria, desde o início, as cuias que eles cortavam. Então a gente já, não sabia qual a palavra técnica que tinha, mas você já tem a palavra que pode adaptar o que é. Falavam muito em corococó aqui no boi, o corococó é simplesmente rabisco que fazem em que a Grécia trouxe muito aqui pro Amazonas, usou no Teatro Amazonas, então o ali do Teatro Amazonas a gente ver que a arte vem implantada, ela veio de navio, eles trouxeram isso pra gente, então o artista se inspira muitas coisas desses modelos que vieram da França, do lado europeu e tudo isso foi engrandecendo nossa parte artística. (Karu Carvalho, 51 anos, entrevista/2015).

No que tange à fala de Karu Carvalho que há 30 anos vem desenvolvendo sua arte no boi bumbá Caprichoso, observamos claramente a efetivação daquilo que Juarez Lima denominou de tripé cultural, dando valor ao carnavalesco Joãozinho Trinta sem deixarmos de perceber a forte influência do eurocetrismo no processo de assimilação dos nativos amazônidas. Nesta análise, Torres (2010, p. 72) assinala que,

Os estilos de vida dos povos tradicionais amazônicos sofreram interferências e metamorfose ao longo do processo civilizatório e, ainda hoje, continuam passando por transformações. As influências eurocêntricas provocaram mudanças sobre a vida destes povos desde o primeiro contato entre brancos e índios.

Neste debate sobre a assimilação percebe-se que os povos tradicionais da Amazônia vão sofrendo toda uma influência do colonizador adotando hábitos, costumes, vestimentas, valores, sotaques até mesmo a maneira de como trabalhar no espaço urbano (TORRES, 2010). A cultura do parintinense também recebeu fortes influências do colonizador na arte, na poesia e no estilo. A *fortiori* parece ser comum ainda valorizarmos o que vem de fora, um fato impicante é a seleção para a escolha dos jurados do festival, não se convida pessoas que tenham alguma relação com o município, é convidado, respectivamente, pessoas que não estejam inseridas no contexto local.

Outro ponto que levamos em consideração nesta investigação foi procurar saber como está a motivação do artista. Procuramos saber se há o reconhecimento e valorização por parte da comunidade. Marialvo Brandão que há 26 anos é artista do boi bumbá Garantido se posiciona da seguinte forma:

Sim, me sinto valorizado, me sinto grato, tudo o que eu tenho hoje é voltado, é resultado do meu trabalho. E eu sempre digo uma coisa, a cidade tá hoje do jeito que tá, tem aeroporto, tem porto, ela tá sendo, a infraestrutura tá boa, ela tá sendo uma cidade bonita, tudo isso é voltado, é fruto do nosso trabalho. Esse reconhecimento vem quando as pessoas agradecem a gente pelo trabalho que a gente faz, quando a gente leva o nome da cidade pra fora. O reconhecimento vem, uns elogiam, fazem críticas positivas. Então, isso é muito bom, isso é gratificante, na verdade isso é a satisfação de muitos anos de trabalho, é a recompensa maior, tirando o lado financeiro, é o reconhecimento da sociedade (Marialvo Brandão, 43 anos, entrevista/2015).

Não se pode negar que houve um avanço significativo na vida da cidade e das pessoas com a institucionalização do festival, pois “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (MORIN, 2001, p. 47), hoje temos maior atenção das políticas públicas devido essa festividade, isso significa que de nada valeria a festa caso não houvesse o bom uso do seu resultado. Neste prisma Morin (2001.p. 55) assinala que,

A complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que constituem: todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.

A maioria da população reconhece os benefícios da festa, o que gera polêmica quando se fala de o evento ocorrer na capital Manaus. O mais interessante é verificar que o artista se sente comprometido com a cidade quer o município mais desenvolvido, mais conhecido, mais beneficiado pelas instâncias governamentais e privadas.

Com o intuito de compreender se a educação formal está de fato contribuindo para uma prática docente eficaz perguntamos qual é a opinião do artista sobre a escola e se ela aproveita o saber cultural no exercício de sua prática. Juarez Lima se manifesta nos seguintes termos:

Muito pouco, porque ela nos repassa esse conhecimento, se um dia ela me chamasse para lá fazer um depoimento nessa área de Matemática, que um dia eu tinha deficiência de aprender. Eu não vou dá aula pra professor. Mas eu vou dizer como eu cheguei a fazer esse calculo, como eu aprendi. Muitas vezes errando, como diz na linguagem popular “pegando porrada”, porque muitas vezes é na dor que você amadurece o seu conhecimento. Na Matemática muitas vezes, fui chamado de burro, discriminado, porque eu não sabia a linguagem que me era passada. Mas hoje eu dependo da Matemática pra fazer o cálculo estrutural, as previsões, simetria, escala, e hoje ela está do meu lado. Eu agradeço muito a Deus pela minha tolerância, pra eu aprender. Um dia eu gostaria de ser convidado para levar um pouco do conhecimento na Matemática, na Geografia, na História, pra contribuir com a nova geração e dizer: “poxa, eu posso ser um poeta, ser um artista,

um arquiteto, um engenheiro, um médico oftalmologista, em função deste conhecimento, que adquire e provoca nas pessoas, que se estimulem a buscar para que um dia possam ajudar a cidade e sua comunidade”. (Juarez Lima, 49 anos, entrevista/2015).

É possível depreendermos da responsabilidade do ato de ensinar que o professor precisa das ferramentas para conduzir, ou melhor, mediar à aprendizagem, fazê-la mais prazerosa e significativa. “Um futuro pesquisador poderá muito bem descobrir que os conceitos espontâneos da criança são um produto do aprendizado pré-escolar, da mesma forma que os conceitos científicos são produto do aprendizado escolar” (VYGOTSKY, 1998, p.145). Na visão vygostyana é necessário investir mais na formação do professor, possibilitar que este domine as teorias, somente assim poderá repensar a prática por si mesmo e produzir conhecimento para a emancipação humana, tornar a ciência menos complexa e mais próxima. “O conhecimento científico é um conhecimento que não se conhece. Essa ciência, que desenvolveu metodologias tão surpreendentes e hábeis para apreender todos os objetos a ela externos, não dispõe de nenhum método para se conhecer e se pensar”. (MORIN, 2005, p. 20). Na fala de Juarez Lima aparece de forma clara o importante papel da escola como um dos canais de possibilidades profissionais, ainda que o processo educacional assente-se numa pedagogia da opressão, “o que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam” (FOUCAULT, 1998, p. 44). Torna-se mister que a escola abandone o academicismo, pautado só no discurso e se fundamente em uma prática mais enriquecedora. E assim que o artista demonstra fortemente o interesse de transmitir, através da sua experiência neste ato de fala caminho para uma compreensão melhor da ciência suavizando a temida ciência exata.

Mulher: evidenciada ou ocultada no contexto do festival?

O padrão tradicional da cultura judaico-cristã traz consigo um legado de conceitos e pré-conceitos sobre a mulher na sociedade. A formação das culturas assenta-se em estereótipos e preconceitos impostos à figura feminina. Barbosa (2007, p. 19) assinala que,

[...] O pensamento aristotélico atravessou os séculos, deixando influência danosas em diversas culturas, que ainda comungam da filosofia de Aristóteles e, conseqüentemente, consideram a mulher como um homem incompleto. Para esse filósofo na reprodução, a mulher é passiva e receptora, enquanto o homem é ativo e reprodutivo. Por esta razão Aristóteles preceituava que o filho do casal herdava apenas as características do pai, ou seja, elas já estavam presentes no semem do

pai, a mulher era apenas o solo que acolhia e fazia germinar a semente que vinha do semeador.

Em outras palavras: o homem dá a forma: a mulher, a substância, discordando, totalmente de Platão que considerava a mulher tão capacitada quanto o homem, bastando para isso que recebesse a mesma formação e que fosse liberada do serviço de casa e da guarda da criança.

Este pensamento ainda perdura nos dias atuais, a mulher em muitos casos ainda é considerada desigual ao homem, sendo subestimada, trabalhando com uma jornada igual e ganhando menos. Em algumas comunidades não possui os mesmos direitos do homem, sendo útil apenas para a procriação. E Parintins também não fugiu da regra, por colocar a figura da mulher, uma hora exaltada outra hora ofuscada.

É sabido na história dos bumbás da proibição sumária da participação da mulher na brincadeira do boi, tanto que a figura da mãe Catirina era representada por um homem. Conta-se, em Parintins, de um fato que ocorreu com Dona Santinha, irmã de Lindolfo Monte Verde⁴, criador do boi bumbá Garantido. Sua irmã teria fugido para brincar de boi e quando Lindolfo soube, cortou relações com ela, vindo a fazer as pazes somente na morte do Garantido. Foi quando o versador, ressentido fez a seguinte apelação: “Vem cá Santinha, vem cá, vem vê. Boi Garantido já vai morrer”. Este verso até nos dias atuais ainda é entoado durante a morte do boi Garantido que ocorre todos os anos no dia dezessete de julho⁵.

Quando indagamos em nossa pesquisa se familiares dos artistas participavam da festa do boi detectamos a de Antônio Cansanção, artista do boi Garantido, exercendo há 25 anos a função de artista. Vejamos:

Sim, com certeza, se não houvesse parentes que tivesse uma integração comunitária, num forte vínculo de amizade com o pessoal, no caso do Garantido, talvez não tivesse influenciado tanto. [...], eu tenho que registrar que na época em que garoto, adolescente eu já convivia em casa com o trabalho de costura de minha mãe. Ela costura há vários festivais pro boi. Ela teve uma passagem pelo Rio de Janeiro, ela chegou a costurar numa escola de samba, fez destaque pra alguns artistas e inclusive não foi a toa a participação dela no boi, porque ela trouxe essa

⁴ Trata-se de uma figura importante na história do festival, sendo o criador e o primeiro amo do boi bumbá Garantido, descendente de nordestinos e que durante um período de enfermidade fez a promessa à São João Batista que se fosse curado iria criar um boi para brincar nas fogueras, razão do nome “eu prometo, eu garanto” – Garantido, o boi da promessa.

⁵ A data foi definida para a morte do boi Garantido, visto que dos dias 6 a 16 de julho se comemora a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Parintins, o município se centraliza mais nas festividades religiosas no período pós festival.

experiência que ela teve lá e ela colaborou no festival, com esse conhecimento. ela chegou alguns anos a viajar, comprar material pro boi, porque ela conhecia os materiais, conhecia os canais. Os itens que hoje têm no boi, os chamados itens femininos, se ela não teve uma participação direta, mas ela teve uma influência muito forte no fortalecimento dessas figuras que hoje fazem parte da apresentação que estão institucionalizadas no contexto do que era o boi de Parintins. Então o item que hoje é a sinhazinha da fazenda, que antes era inocentemente um outro termo, a Rainha da fazenda e tal. A mamãe teve uma participação no contexto dessa criação. A miss do boi que hoje se chama cunhã – poranga. Então teve os grandes vestidos que eram os vestidos originalidade, do conceito da Rainha do Folclore, que hoje tem o conceito indígena, que isso também é outro campo a discuti, são conceituações do festival, mas enfim eu convivia em casa não só com o trabalho da minha mãe e das outras pessoas, das outras áreas, bem convivi em função do boi, como um todo. E eu tinha um dom artístico que ele já se manifestava (Antônio Cansanção, 50 anos, entrevista/2015).

No decorrer do tempo a figura da mulher como parte imprescindível para a composição do evento foi perdendo espaço. Durante a pesquisa solicitamos a Antônio Cansanção que desse ênfase ao labor de sua genitora (já falecida), que teve participação relevante no processo de mudança e no avanço da festa que com o passar do tempo foi deixada de lado. “Chega-se, nesse caso, a tomar consciência de que, quanto mais rápido se quer ir e quanto mais conhecimentos se quer acumular, menos eficiente se é” (GIORDAN, 1996, p. 194).

Nesta análise quando se discute o reconhecimento, nos remetemos à fala de Adenilson Ribeiro na pergunta de quais atividades desenvolve? Ele destaca: “Eu confecciono roupa de itens individuais, como rainha do folclore, porta-estandarte, amo do boi, apresentador, levantador e outras coisas mais”. (Adenilson Ribeiro, 48 anos, entrevista/2015).

Adenilson Ribeiro artista, que há 28 anos trabalha no boi Garantido lidera uma equipe de cinco colaboradores para a confecção das indumentárias, exerce apenas um papel de coordenador para delegar funções à sua equipe. Na finalização do trabalho apenas o nome desse artista é mencionado. De acordo com Barbosa (2007, p. 23):

[...] consentiu garantir a todos os brasileiros igualdade de direitos, sem distinção de qualquer natureza, assegurando que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. Entretanto, garantir direitos constitucionais não foi o suficiente, pois as práticas sociais discriminatórias persistem, muitas vezes com o consentimento da própria mulher. As perdas e ganhos aconteceram ao acaso, foram oriundos muita luta, ousadia ao desafiar um contexto totalmente agreste aos direitos da mulher e principalmente pelo esforço e sacrifício de poucas para o benefício de muitas. A conscientização, de fato, sobre o papel feminino na sociedade só virá quando a mulher não se curvar diante da alienação.

Etimologicamente, a palavra alienação vem do latim alienare, que significa “que pertence a um outro”.

Encontram-se, logicamente, mulheres liderando costureiras, mas como autoras de equipe de galpão de alegorias é algo inexistente em ambas agremiações. Neste debate Torres (2012, p. 208) assinala que,

As mulheres falam ao mundo, comunicam suas existências por meio do seu trabalho. Não é o aspecto da reprodução humana que funda a condição de ser histórico e social das mulheres, são as suas práticas sociais decorrentes do seu trabalho. Cabe às ciências reconhecerem o aspecto produtivo do trabalho das mulheres.

O trabalho é uma é um ato de expressar as relações sociais, do individuo firmar-se, de mostrar seu fazer e de tornar sua existência mais saborosa “o trabalho é, antes de tudo, um direito dos trabalhadores e não uma forma de dominação ou coisificação do homem e da mulher” (TORRES, 2012, p.197). Nesta perspectiva introduzimos a fala de Jair Mendes na pergunta sobre o tempo de atividade na agremiação folclórica há a seguinte revelação:

Há 42 anos, mas se for contar, desde quando eu trabalho, a partir dia que eu pintei, todo ano o boi, mas eu não conto isso como trabalho no boi não, é 42 anos porque antes eu já fazia coisas. Antes de ser padrinho pela primeira vez, foi em 1976, que naquele tempo não tinha presidente, então era padrinho. Então eu tive a sorte de ser escolhido para ser padrinho do boi Garantido, coisa que eu mais almejava na vida naquele tempo. Bom, no boi bumbá, eu comecei com quinze anos, quatorze pra quinze, porque o Lindolfo Monte Verde, falou pro meu pai, que naquele tempo existia apenas um artista em Parintins, que era eu, só eu desenhava, só eu pintava lá naquele tempo, aí meu pai mandou me levar de bicicleta lá no Lindolfo, aí eu pintei pela primeira vez o boi. Tanto que esse coração na testa que o boi tem, aquilo é uma malha em formato de coração, era preto, foi ele (Lindolfo Monte Verde) que queria, era o coração das meninas. Então eu fiz o coração na testa a pedido dele. (Jair Mendes, 73 anos, entrevista/2015).

Na exposição do artista constatamos que a presença das meninas já era marcante na concepção de Lindolfo Monte Verde. A mulher representa também a simbologia da magia, da sensualidade, do exotismo, da beleza amazônida e da sua peculiar morenice. Esse pensamento da figura da mulher perdura na exibição dos itens femininos, que representam uma simbologia da mulher perfeita.

Parece que vale tudo para se chegar ao padrão do belo atual, da guerreira corajosa e aguerrida, que arriscam a própria vida nas gigantescas alegorias. Nesta performance do boi bumbá a mulher é reverenciada, saindo da invisibilidade para torna-se um ser mercadológico da festa.

Juarez Lima, por sua vez, considera importante a contribuição das mulheres no cotidiano da vida, sua luta aguerrida pela sobrevivência, ao mesmo tempo em que são exuberantes e graciosas. Vejamos o seu relato:

[...] Então, na nossa arte nós temos muito disso, Seu Jair Mendes foi uma prova de quando teve um problema de saúde, nós fizemos a interseção perante Maria e temos ele, está aí! Porque esse sincretismo religioso da nossa fé com nosso trabalho, com nosso habitat, só tem um verdadeiro valor quando compreendemos que Deus ajuda, guia por caminhos inimagináveis, e quando uma pesquisa dessa, científica entra no nosso mundo, da arte, buscando algo mais, qual o valor que você terá disso é a experiência das pessoas, do pensar, do caboclo simples, do homem de fé, daquele que não tem fé, daquele que é ateu, mas de um homem que busca levar indigno o nome de Jesus, que ele não poder, indignos de olha para Nossa Senhora, que esse Deus faz milagre e cura qualquer depressão qualquer forma de agressão dos espíritos maléfico que estão sempre nos rondando a dizer “desista, não faça, não vai dá certo”, mas Deus diz para você agora, “vá em frente, que bom que você tá aqui, sorria a vida é bela, seja esse guerreiro da Amazônia, seja esse lutador, essa lutadora, seja uma descendência, como disse Francisco Orellana, na sua história “amazós”, que significa em grego “guerreiras amazonas”, mulheres que saem para suas labutas, que cuidam do peixe e da casa, mas estão ali, vendendo esperança, vendendo fé, vendendo amor”. Nunca desista, vá em frente porque vale pena, Deus abre seus caminhos, Deus abre o mar vermelho, Deus sabe o coração de cada um e faz através da arte e da pesquisa algo precioso, ali ele usa você para se encontrar com aqueles que não creem, na verdade ele propicia a cada um, na verdade, na descoberta da ciência, da física, da arte de tudo! E vai através dessa pesquisa, para levar esperança e fé pra muitos que não creem nesse trabalho, mas quando a gente entrega pra Deus, Deus faz a diferença, pode ter certeza. (Juarez Lima, entrevista/2015).

Os afazeres domésticos são culturalmente feminizados. As mulheres realizam trabalhos pesados e tem que dar conta de uma dupla jornada de trabalho. Acerca do trabalho pesado Torres (2012, p. 204) revela que,

A jornada diária das mulheres é intensa. Acordam às 5h, fazem a higiene matinal na beira do rio e já trazem a lata d'água na cabeça para fazer o café, arrumar as crianças e dão início ao preparo do almoço. Almoçam no roçado ou na casa de farinha. Chegam a casa à tardinha quando vão fazer o serviço doméstico. É essa intensidade de afazeres que torna pesado o trabalho das mulheres e esse fator tem de ser considerado pela sociologia do trabalho.

Prática esta bastante comum no cotidiano das mulheres da floresta, após um dia exaustivo no roçado ou na pesca as mulheres chegam em casa para realizar o trabalho de preparação do jantar, cuidar dos filhos, dar atenção ao marido, enfim volta a rotina doméstica, sai do trabalho pesado para fazer o trabalho leve, na visão estereotipada de que a rotina doméstica é tarefa fácil. Esta prática também se repete no âmbito das mulheres trabalhadoras dos bois bumbás de Parintins, após o trabalho nas costuras, adereços e outras áreas, chegam em casa e iniciam suas atividades domésticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa centrada no trabalho dos artistas de ponta revela a forte presença de Mestre Jair Mendes, Irmão Miguel de Pascoale e do carnavalesco Joãozinho Trinta, como alicerces do evento predominantemente amazônico que expõe para o mundo o hibridismo cultural do índio, do negro e do branco.

Esse legado de saberes tradicionais permitiram ao artista colaborador ascender ao posto de artista de ponta. Trata-se de um legado de experiências que se inter-relacionam com uma prática capaz de fornecer aquele que a escola negligenciou a oportunidade de trabalho. A pesquisa revela também a sua importância do dever de cidadão, dos agentes participantes e atuantes para o desenvolvimento do município, que faz do festival uma estratégia de melhoria para a sua comunidade.

A pesquisa revela, por fim, que há ausência de mulheres no contexto do trabalho artístico nos galpões dos bumbás na contratação delas como artista de ponta. As mulheres não chefiam galpões para a confecção das alegorias, são apenas meras coadjuvantes na produção arte dos bumbás, atuam apenas nos bastidores da produção do evento, mantendo-as na invisibilidade. As moças destacam-se com uma beleza construída, como uma figura mercadológica de um evento de nível internacional.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A condição humana**; tradução de Roberto Raposo; psfácic de Celso Lafer, -9. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BARBOSA, I. **Chão de Fábrica – Ser mulher no Pólo Industrial de Manaus.** Manaus. Editora Valer, 2007.

FOUCALT, M.. **A ordem do discurso;** tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16ª ed. – São Paulo: Loyola, 1998.

GIORDAN, A. **As origens do saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos.** Tradução Bruno Charles Magne-2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MATURANA, HUMERTO R., VARELA, FRANCISCO J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana;** tradução: Humberto Mariotti e Lia Dislin; ilustração: Carolina Vial, Eduardo Osório, Francisco Olivares e Marcelo Maturana Montañez – São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários á educação do futuro;** tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho – 3. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____ **Ciência com consciência;** tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TORRES, I. C. **As malhas do trabalho e da economia solidária no Brasil:** Iraildes Caldas Torres (Org)- Manaus: Edua, 2010.

_____ **O ethos das mulheres da floresta.** / Organização: Iraildes Caldas Torres. - Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.

VALENTIN, Andreas. **Contrários – A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins.** Manaus: Editora Valer, 2005.

VYGOTSKY, L. S.. **Pensamento e Linguagem;** tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão tão técnica José Cipolla Né Cipolla Neto. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

